

O viés ideológico das traduções de livros no Brasil: o caso do terrorismo e do fundamentalismo islâmico

*Jacques A. Wainberg*¹

RESUMO

O estudo avalia empiricamente o viés ideológico das traduções de livros para o português e editados no Brasil que tratam de temas relacionados ao terrorismo islâmico e correlatos. O levantamento do acervo de oito bibliotecas universitárias e quatro livrarias comerciais mostrou que, de setembro de 2001 a junho de 2008, foram publicadas 95 obras sobre o tema. O viés ideológico ocidentalista superou o seu concorrente, o viés orientalista. Mas a maioria das obras traduzidas e publicadas em português por editoras brasileiras apresentou um viés balanceado.

Palavras-chave: Tradução; livros; ocidentalismo; orientalismo; fundamentalismo islâmico.

RESUMEN

El estudio evalúa empíricamente la tendencia ideológica de las traducciones de libros al portugués y editados en Brasil que tratan de la temática relacionada con el terrorismo islámico y con temas correlativos. El levantamiento del acervo de ocho bibliotecas universitarias y cuatro librerías comerciales mostró que, de septiembre de 2001 a junio de 2008, fueron publicadas 95 obras sobre este tema. La tendencia ideológica occidentalista superó su concurrente, la tendencia orientalista. Pero la mayoría de las obras traducidas y publicadas en portugués por editoras brasileñas presentó una tendencia balanceada.

Palabras-clave: Traducción; libros; ocidentalismo; orientalismo; fundamentalismo islámico.

1 Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS); doutor pela Faculdade de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); pesquisador pelo CNPq. O autor agradece o apoio das auxiliares de pesquisa Janaína Azevedo Lopes e Liza Marques de Melo. Agradece ainda à Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e ao CNPq o apoio à realização deste estudo.

ABSTRACT

The subject of this study is the ideological bias of book translation into Portuguese on themes such as Islamic fundamentalism and terrorism. According to data collected in eight academic libraries and four bookstores, 95 books on these topics were published in Brazil. Written by foreign authors, these books were translated between September 2001 and June 2008. We observed stronger Eastern bias than Western one, but most of these books were included in the “Balanced” category.

Keywords: Translation; books; Westernism; Easternism; Islamic fundamentalism.

Introdução

Dos estimados 11 milhões de leitores ativos de livros no Brasil, somente 1,2 milhão leem obras relativas às temáticas das Ciências Sociais. Esse grupo de interesse está em quarto lugar, perdendo para as obras de religião (4,7 milhões de leitores), de literatura (3,5 milhões) e de Filosofia e Psicologia (2,29 milhões).² Apesar desse desempenho, as obras gerais (categoria que inclui as de sociologia e política, entre outras agregadas sob o rótulo de Ciências Sociais) são as mais traduzidas no país, especialmente de originais em inglês. Em 2006, de um total de 5.830 títulos traduzidos no país, 3.194 contemplavam as obras gerais.³ A mesma situação paradoxal ocorre quando se observa que, dos 46.026 livros editados em 2006 no Brasil, 11.650 diziam respeito às obras gerais, total inferior, mas não muito distante dos 18 mil livros didáticos e 13 mil técnico-científicos, os gêneros mais publicados.⁴ Cabe lembrar que as obras gerais estão em penúltimo lugar em faturamento, ganhando somente dos livros religiosos.

Chega-se à conclusão de que as editoras brasileiras prestigiam de forma excepcional essa categoria de livro e esse tipo de tradução, apesar de seu público exclusivo ser o quarto em dimensão e seu faturamento ficar aquém da receita produzida pelas obras didáticas e os livros técnicos, científicos e profissionais.

As causas da preferência editorial por esse tipo de obra e tradução devem ser investigadas. Pode-se inferir por hipótese que, em boa medida, o que explica essa situação é o papel político e social que essas obras desempenham. O leitor das obras gerais constitui a elite intelectual do país. Está envolvido na resolução de dilemas políticos e sociais e disputa a guerra das ideias com livros e autores nas mãos; entre eles, também os estrangeiros. Ou seja, o embate ideológico nacional faz uso também da produção intelectual internacional.

2 Dados da pesquisa Retrato da leitura no Brasil. São Paulo: CBL; SNEL; Abrelivros, 2001.

3 Ibidem.

4 Ibidem.

Tabela 1. Faturamento com a venda de livros no Brasil (em R\$ milhões)

Ano	(1)*	(2)*	(3)*	(4)*
1999	12,14	10,49	5,69	33,09
2000	15,50	9,79	5,00	28,66
2001	17,88	9,71	6,78	26,84
2002	17,94	10,42	7,54	21,89
2003	16,94	9,86	7,38	10,70

Fonte: EARP, Fabio Sá & KORNIS, George. *A economia da cadeia produtiva*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

*1. Obras didáticas; 2. Obras gerais; 3. Religiosas; 4. Obras técnicas, científicas e profissionais.

Panorama do mercado editorial brasileiro

Lê-se pouco no Brasil. No caso de livros não didáticos, tem-se menos de um exemplar por habitante ao ano, ressaltando-se que a metade dos livros lidos não é comprada, segundo o IBGE. Em consequência, as tiragens médias de cada edição de uma obra são baixas no país. Por isso, pode-se afirmar que 71% da população ativa do país não tem contato ou tem muito pouco contato com livros. Em 2006, por exemplo, 61% dos 310 milhões de exemplares vendidos referiam-se a obras didáticas, ou seja, trata-se de leitura comprometida e obrigatória vinculada a cursos, escolas e universidades. Naquele mesmo ano, as compras de livros pelo governo brasileiro – que supre a rede pública de ensino – representaram um quarto da receita total da venda do setor no país.

Tabela 2. Tiragem média das edições de livros no Brasil

Ano	Tiragem média
2000	7.333
2001	8.073
2002	8.475
2003	8.306
Média de 1990-2003	7.939

Fonte: EARP, Fabio Sá & KORNIS, George. *A economia da cadeia produtiva*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

Tabela 3. Brasil – Consumo de livros não didáticos por habitante – 1990-1998

Ano	Livros não didáticos/ População	Total de exemplares/ População
1990	1,0	1,5
1991	1,4	2,0
1992	0,6	1,1
1993	0,8	1,8
1994	0,8	1,7
1995	0,9	2,4
1996	1,0	2,5
1997	0,9	2,2
1998	0,9	2,5

Fonte: CBL e IBGE citados em: SAAB, William George Lopes; GIMENEZ, Luiz Carlos Perez. *Cadeia de comercialização de livros*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

Tabela 4. Brasil – Faturamento das editoras de livros

Ano	Total (R\$ milhões de 2003)	Índice
1995	4.523	100
1996	4.157	92
1997	3.756	83
1998	4.066	90
1999	3.198	70
2000	3.174	70
2001	3.167	70
2002	2.679	60
2003	2.363	52

Fonte: EARP, Fabio Sá & KORNIS, George. *A economia da cadeia produtiva*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

Tabela 5. Vendas totais de livros ao governo do Brasil e o faturamento (em percentual)

Ano	Venda total de exemplares ao governo (% do total)	Faturamento de vendas de livros ao governo (% do total)
1995	0,53	0,33
1996	0,31	0,13
1997	0,35	0,14
1998	0,39	0,20
1999	0,28	0,16
2000	0,66	0,24
2001	0,64	0,25
2002	1,02	0,21
2003	0,77	0,24
Média	0,55	0,21

Fonte: EARP, Fabio Sá & KORNIS, George. *A economia da cadeia produtiva*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

Panorama mundial da tradução de livros

Antes de examinar e refletir sobre um desses possíveis critérios de filtragem: o do viés ideológico das obras traduzidas para o português e publicadas por editores brasileiros, cabe expor com algum detalhamento a inserção do Brasil e da língua portuguesa no contexto do mercado editorial global, pois algumas evidências merecem ser assinaladas.

A primeira delas é que o Brasil ocupa papel de destaque na tradução de obras estrangeiras, localizando-se na décima posição no mundo.

Tabela 6. Os dez países que mais traduziram obras estrangeiras (número de títulos)

Alemanha	229.755
Espanha	194.965
França	148.988
Japão	104.153
URSS (até 1991)	92.764

Holanda	80.305
Polônia	60.826
Dinamarca	60.499
Itália	53.309
Brasil	49.697

Fonte: Unesco – desde 1979.

A segunda evidência é de que mais livros são traduzidos para o português do que livros de autores que escrevem em português são vertidos para uma língua estrangeira.

Tabela 7. Língua portuguesa: versão e tradução (número de títulos)

Ano	2001	2002	2003	2004
Versão	733	492	570	412
Tradução	3.233	2.973	4.271	3.619

Fonte: Unesco – desde 1979.

A terceira evidência é o fato de que predomina, e muito, no Brasil a preferência entre as obras traduzidas de autores de língua inglesa.

Tabela 8. Títulos traduzidos para o português e editados no Brasil no período de 2003 a 2005

Língua original da obra	2003	2004	2005
Inglês	2.590	3.376	3.575
Francês	410	519	513
Espanhol	260	364	574
Alemão	180	260	258
Italiano	270	364	326
Português (Portugal)	120	156	142
Japonês	30	52	141
Outros	60	104	79
TOTAL	3.920	5.194	5.608

Fonte: Câmara Brasileira do Livro/Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas.

Nota: A estatística brasileira não coincide com a reunida no banco de dados da Unesco.

Os dados reunidos no *Index translationum* confirmam essa mesma tendência.

Tabela 9. As dez línguas mais traduzidas no Brasil (número de títulos)

Inglês	33.899
Francês	5.755
Alemão	3.190
Espanhol	2.784
Italiano	1.988
Português	1.130
Latim	259
Grego antigo	123
Holandês (teuto)	112
Norueguês	75

Fonte: Unesco – desde 1979.

Segundo a Unesco, no mundo, o Brasil é o oitavo país que mais traduziu do inglês.

Tabela 10. Os dez países que mais traduziram do inglês (número de títulos)

Alemanha	146.508
Espanha	102.181
França	92.748
Japão	80.800
Holanda	55.306
Dinamarca	35.412
Polônia	34.579
Brasil	33.899
Itália	28.335
Noruega	25.098

Fonte: Unesco – desde 1979.

A quarta evidência mostra que há pouco interesse por obras de autores de língua portuguesa no mercado editorial mundial.

Tabela 11. Os dez países que mais traduziram do português (número de títulos)

Espanha	1.542
Brasil	1.130
França	1.069
Alemanha	978
Argentina	442
Estados Unidos	412
Itália	302
Portugal	233
Holanda	232
Japão	197

Fonte: Unesco – desde 1979.

A quinta evidência mostra que a língua portuguesa ocupa um distante 12^a lugar entre as mais vertidas no mundo, embora salte para a 7^a posição como a língua de destino das traduções.

Tabela 12. Língua de origem da obra vertida em língua estrangeira em todo o mundo (número de títulos)

1. Inglês	942.087
2. Francês	176.129
3. Alemão	160.573
5. Italiano	52.030
6. Espanhol	40.440
7. Dinamarquês	15.426
10. Polonês	11.722
11. Árabe	9.113
12. Português	8.787

Fonte: Unesco – desde 1979.

Tabela 13. A língua de destino das obras traduzidas em todo o mundo (número de títulos)

1. Alemão	259.602
2. Espanhol	193.951
3. Francês	184.642
4. Inglês	109.702
5. Japonês	104.393
6. Holandês	99.191
7. Português	69.829

Fonte: Unesco – desde 1979.

Portanto, até aqui, esses dados mostram que o Brasil traduz muito, com predomínio de originais em língua inglesa, num fluxo comercial desequilibrado, já que o interesse dos estrangeiros por nossas obras é baixo, enquanto nosso interesse pela produção internacional, em especial a produzida em língua inglesa, é alto. Além dessas evidências, é possível assinalar que, apesar de o nosso mercado livreiro representar somente 2% do mercado global de livros, em termos absolutos, o Brasil é o sétimo país que mais vende exemplares, atingindo, em 2006, um total de pouco mais de 310 milhões de volumes comercializados.

Tabela 14. Os países que mais venderam livros em 2002

País	Milhões de exemplares	(%)
China	7.103	49
Estados Unidos	2.551	18
Japão	1.403	10
Rússia	494	3
Alemanha	479	3
França	413	3
Brasil*	345	2
Reino Unido	324	2
Itália	265	2
Espanha	235	2

Fonte: Euromonitor (2003), elaborado por EARP, Fabio Sá & KORNIS, George. *A economia do livro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

* O dado fornecido pela CBL para 2002 é de 320.600 mil livros vendidos no Brasil.

Tabela 15.

Ano	Produção (1ª edição e reedição)		Vendas	
	Títulos	Exemplares	Exemplares	Faturamento (R\$)
1990	22.479	239.392.000	212.206.449	901.503.687
2000	45.111	329.519.650	334.235.160	2.060.386.759
2001	40.900	331.100.000	299.400.000	2.267.000.000
2002	39.800	338.700.000	320.600.000	2.181.000.000
2003	35.590	299.400.000	255.830.000	2.363.580.000
2004	34.858	320.094.027	288.675.136	2.477.031.850
2005	41.528	306.463.687	270.386.729	2.572.534.074
2006	46.026	320.636.824	310.374.033	2.880.450.427

Fonte: Câmara Brasileira do Livro.

Em 2002, os livros editados em português, no Brasil, representavam igualmente 2% do mercado mundial de vendas de livros, alcançando 1% da receita total do setor em todos os mercados internacionais, que era bem inferior aos valores obtidos pelas editoras de livros em inglês (52% da renda do mercado editorial mundial), japonês (14%), alemão (10%), chinês (9%), espanhol (4%), italiano (4%), e em francês (3%).

Tabela 16. Maiores vendas de livros por número de exemplares e % segundo o idioma – 2002

Chinês	7.296.000	51%
Inglês	3.164.000	22%
Japonês	1.403.000	10%
Russo	494.000	3%
Alemão	515.000	4%
Francês (França)	413.000	3%
Espanhol	365.000	3%
Português (Brasil)	345.000	2%
Italiano	265.000	2%

Fonte: Euromonitor (2003), elaborado por EARP, Fabio Sá & KORNIS, George. *A economia do livro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

Hábitos de leitura

Como afirmado, e conforme o levantamento *Retrato da leitura no Brasil* (2001), somente 1 milhão e 200 mil brasileiros leem obras de Ciências Sociais (11% do total do público leitor). Esse leitor é tipicamente um indivíduo com curso superior, entre 20 e 29 anos, que pode pertencer às camadas econômicas A/B ou C da sociedade. Está finalizando ou já acabou seus estudos universitários, sendo esse gênero leitura obrigatória da faculdade. Ele pode ser ainda um leitor que busca uma ampliação dos conceitos e ideias recém-adquiridos no curso universitário.

Ciências Sociais é o quarto gênero mais popular. Embora religião esteja em último lugar entre as obras mais editadas no Brasil e apresente o menor faturamento entre todos, é o gênero mais lido, com 39% de preferência do público (o equivalente a 4.700 leitores), sendo a leitura da Bíblia a responsável pela metade desse índice, fator que distorce a evidência de ser o gênero mais popular (aparentemente os demais livros religiosos são pouco procurados). Seguem, em ordem decrescente, a literatura de ficção, com 29% das preferências (3,5 milhões de leitores) e as obras de Filosofia e Psicologia com 19% (2,29 milhões de leitores).

No caso específico das Ciências Sociais, categoria de livro que se enquadra em obras gerais, objeto desta reflexão e estudo, a maior parte de seus leitores (15%) concentra-se em cidades de 100 a 500 mil habitantes e em centros urbanos com mais de 500 mil habitantes (13%). Dos 4.076 respondentes da pesquisa *Retrato da leitura no Brasil* (2001), em todo o país, somente 9% haviam consultado uma obra de sociologia nos doze meses anteriores à pesquisa.

O dilema do encontro

Deriva desse contexto complexo o interesse teórico sobre os critérios utilizados na seleção de obras estrangeiras que são traduzidas para venda no Brasil, em especial aquelas relacionadas aos temas das Ciências Sociais. É óbvio que há necessidade de o editor nacional identificar um nicho de interesse de aficionados entusiastas, que justifique o esforço não só

de traduzir uma obra estrangeira como de publicá-la e divulgá-la nessa precária estrutura, e o empreendimento torna-se ainda mais desafiador na categoria obras gerais.

Tabela 17. Títulos editados e exemplares traduzidos para o português por subsetores – 2003-2006

Subsetor	2003	2004	2005	2006
Didáticos	120 (11.830)	156 (12.856)	160 (15.965)	177 (17.911)
Obras gerais	2.430 (9.650)	3.220 (8.420)	3.071 (9.262)	3.194 (11.650)
Religiosos	710 (4.550)	935 (4.634)	1.267 (4.408)	1.264 (4.383)
CTP	660 (9.560)	883 (8.948)	1.110 (11.893)	1.195 (12.081)
Total	3.920	5.194	5.608 (41.528)	5.830 (46.026)

Fonte: Câmara Brasileira do Livro / Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas.
O valor entre parênteses é o total de títulos editados (1ª edição e reedição) no Brasil no período.

O problema

Esse fato nos faz pensar sobre os critérios utilizados pelos editores nacionais na seleção de títulos que são traduzidos e disseminados no Brasil. Cabe revelar que esse tipo de interesse é fruto de uma suspeita, relativamente trivial, que merece e demanda, no entanto, exame empírico. Os livros em geral, mas em especial os que se envolvem com o sentido e o significado dos eventos correntes, não são nem traduzidos nem publicados inocentemente. Visam atender as demandas ideológicas do mercado. Querem atender as necessidades de públicos e correntes de opinião específicos. Afinal, cada livro é pensado para certo tipo de leitor.

Portanto, na seleção de tais obras a serem traduzidas o conteúdo parece ser fator decisivo. É verdade que o engajamento do editor poderá ser narcisista – traduzirá e publicará a obra que gostaria de ler. Poderá ser militante – traduzirá a obra que vem ao encontro de sua própria fé. Mas poderá ser ainda pragmático – publica-se qualquer obra que prometa boa circulação. Certamente há espaço também para a editoração rebelde, a que satisfaz o desejo social de inovação. Nesse tipo de engajamento

de contestação, a obra será consumida pelos atormentados com o senso comum, pelos aflitos com o dito e o repetido. Ou seja, as traduções e as versões não serão nunca universais. Os editores, como os bibliotecários, veem-se forçados a selecionar, igualmente com base num critério similar de relevância, a obra produzida num lado do mundo para ser lida e consumida noutra parte do planeta.

Portanto, interessa-nos avaliar e refletir, por meio de um estudo de caso específico, esse filtro utilizado por editores na seleção de tal acervo traduzido para o português e publicado no Brasil.

Estudo de caso

A resposta a essa indagação sobre o viés ideológico das obras traduzidas e publicadas no Brasil será obtida pelo levantamento de obras estrangeiras traduzidas para o português e editadas no Brasil no período de 11 de setembro de 2001 a abril de 2008, e que tratam especificamente da temática do ataque terrorista de 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos e de eventos e fatos relacionados direta ou indiretamente àquela ocorrência. Estas palavras-chave foram definidas para a pesquisa dos títulos e sumários destes livros: 11 de setembro, Bin Laden, orientalismo, ocidentalismo, terrorismo, islã, fundamentalismo islâmico, guerra no Iraque, guerra do Afeganistão, Al Qaeda, talibã e imperialismo. Para fins do enquadramento de uma obra em uma das duas correntes de opinião descritas a seguir, considera-se a descrição, o conteúdo e a resenha apresentada pela Amazon.com sobre ela. Levantamentos similares foram realizados nos sites Answers.com, Wikipedia e outras fontes referidas no Google.com. Esta investigação examinou os acervos bibliográficos reunidos nas bibliotecas de quatro universidades brasileiras de prestígio (Universidade de São Paulo, Universidade de Brasília, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Federal do Rio de Janeiro) e das quatro maiores universidades em números de alunos (UNIP, Universidade Estácio de Sá, Universidade Estadual de Goiás e Universidade Estadual de Piauí). Foram considerados igualmente os acervos comerciais das livrarias Cultura, Saraiva, FNAC, Siciliano, Nobel e Curitiba.

Visando a precisão e o rigor conceitual, cabe realçar que as duas principais correntes ideológicas que no Brasil disputam o controle do imaginário nacional sobre as temáticas anteriormente referidas foram denominadas em *A pena, a tinta e o sangue: a guerra das ideias e o islã* (Wainberg 2008) como nativismo orientalista e nativismo ocidentalista. São versões nacionais das argumentações apresentadas em *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente* (Said 2007) e em *Ocidentalismo: o Ocidente aos olhos de seus inimigos* (Buruma & Margalit 2006).

O viés ocidentalista

Os discursos críticos dessa tradição de pensamento (que reúne uma variedade de autores de diversos continentes) sobre o Oriente contaminaram de tal forma o termo *orientalista* que essa antiga especialidade de investigação acadêmica adquiriu uma conotação pejorativa. O fato obrigou muitas universidades do Ocidente a cancelarem cátedras com esse rótulo. Já o conceito de ocidentalismo, muito mais recente, ainda não se popularizou e não se degradou o suficiente para refletir o mal-estar de autores variados aos fundamentos filosóficos, políticos, culturais e econômicos das sociedades europeia e norte-americana, principalmente. De qualquer forma, neste estudo, fazemos uma comparação entre ambos os termos. Em decorrência da imprecisão semântica dos termos *Ocidente* e *Oriente*, preferimos destacar com algum detalhamento que, para nossos fins, o viés ocidentalista de uma obra registra o mal-estar de autores e pensadores críticos variados com um ou mais de um dos fundamentos filosóficos do liberalismo (valores como a liberdade de pensamento, de expressão, religião e de imprensa, os direitos humanos, a igualdade da mulher, entre outros), da democracia representativa e do capitalismo que marcaram originalmente as sociedades norte-americana e europeia ocidental e que se difundiram a seguir por outros continentes e países.

Além disso, em tais obras críticas ao Ocidente, os autores priorizam em graus variados a denúncia dos Estados Unidos e da Inglaterra (e de seus aliados), suas ações militares e visões estratégicas, a ação econômica de suas corporações multinacionais assim como as prioridades geopolíticas

desses estados. Apontam contradições e paradoxos entre tais ações e os propalados valores das sociedades capitalistas e liberais. Entre os valores econômicos criticados estão, por exemplo, a lógica competitiva da economia de mercado e a liberdade desfrutada por atores poderosos o que, na opinião desses críticos, os favorece injustamente em detrimento dos pequenos e mais fracos. É intensa também a ruminação desses autores contra o lucro e a acumulação do capital, a meritocracia, o neoliberalismo, a ação imperial das potências ocidentais e o individualismo. Revelam desgosto com a falta de espírito utópico dessas sociedades. Tal crítica pode incluir também um certo desconforto com a separação existente nessas sociedades entre o Estado e a religião, a secularização de suas populações e a globalização, que é vista como uma nova manifestação do velho colonialismo, ou seja, a expansão dos interesses e do estilo de vida das potências econômicas do Ocidente no mundo todo, mas em especial no Oriente.

Um autor ocidentalista pode fazer sua denúncia com o desejo de renunciar aos valores liberais da sociedade de consumo. Pode também manifestar o desejo de purificá-los ou de renová-los. Tal crítica se situa, portanto, numa latitude de rejeição. Uma obra ocidentalista varia desde um extremo moderado, em que faz uso de um ou de alguns elementos dessa crítica, ao outro extremo, no qual combina um grande número dessas ponderações. O tom de sua retórica, por vezes, é reformista, mas não raro é revolucionária. A preocupação desses autores é com a condição social, política, cultural e econômica do Ocidente e só marginalmente com o fundamentalismo islâmico, considerado pela maioria deles como tema periférico, irrelevante, artificial ou inexistente. Os orientalistas os acusam de construir uma imagem falsificada e fantasiosa do Oriente, descrita por eles como uma região atrasada, retrógrada, autoritária e selvagem – argumentos que têm servido às investidas imperialistas do Ocidente em regiões do Oriente Médio, Extremo Oriente, África e Ásia. Tal argumento tem servido também ao neocolonialismo contemporâneo, em especial, o cultural. Em boa medida, a corrente ocidentalista de pensamento opõe-se à visão de que os valores ocidentais são universais. A obra desses autores divulga também os relativismos cultural e moral, assim como o historicismo.

Como proposto originalmente por Margalit & Buruma (2006), o ocidentalismo foi divulgado no Ocidente pela pena de autores ocidentais (marxistas, fascistas, nazistas, radicais de tonalidades variadas e utópicos religiosos, entre outros). Em nossa formulação, a semântica do termo foi ampliada e faz referência aos autores que publicam suas obras com esse tom e sabor também no Oriente. Como dito, os autores ocidentalistas, tanto do Oriente como do Ocidente, rotulam seus adversários como orientalistas. Estes, em represália, afirmam que tais pensadores hostis ao Ocidente concedem álibis à ação terrorista de movimentos como o Al Qaeda, Hamas, Jihad Islâmica, e outros. Considerando esses elementos de discurso, as seguintes obras traduzidas e publicadas no Brasil, entre setembro de 2001 e junho de 2008, apresentam um viés ocidentalista:

Tabela 18. Obras com viés ocidentalista traduzidas e publicadas no Brasil: 2001-2008

Autor	Título em português	Ano da edição	Editora brasileira	Título no original	País de origem
BERNARD, François de	<i>A fábrica do terrorismo</i>	2007	Nova Harmonia	Não disponível	França
BHABHA, Homi	<i>O local da cultura</i>	2005	UFMG	<i>The location of culture</i>	EUA
BRIGHTMAN, Carol	<i>Insegurança total</i>	2006	Record	<i>Total insecurity</i>	EUA
CAMPOS, David Heylen	<i>11 de setembro e outras mentiras que nos contaram: as conspirações que mudaram a história</i>	2005	Universo dos Livros	<i>Mentiras oficiais</i>	Espanha
CHOMSKY, Noam	<i>11 de setembro</i>	2003	Bertrand Brasil	9-11	EUA
CHOMSKY, Noam	<i>Piratas e imperadores</i>	2006	Bertrand Brasil	<i>Pirates and emperors</i>	EUA
CHOMSKY, Noam	<i>Poder e terrorismo</i>	2005	Record	<i>Power and terror</i>	EUA

Autor	Título em português	Ano da edição	Editora brasileira	Título no original	País de origem
CHOMSKY, Noam	<i>Império americano</i>	2004	Campus/Elsevier	<i>Hegemony or survival: America's quest for global dominance (American Empire Project)</i>	EUA
DAVIS, Mike	<i>Holocaustos coloniais</i>	2002	Record	<i>Late victorian holocausts</i>	EUA
DINGES, John	<i>Os anos do condor</i>	2005	Companhia das Letras	<i>The condor years</i>	EUA
EMMANUEL, Todd	<i>Depois do império</i>	2003	Record	<i>Après L'empire</i>	França
GOODMAN, Amy	<i>Corrupção à americana</i>	2005	Bertrand Brasil	<i>The exception to the rules</i>	EUA
GRAY, John	<i>Al Qaeda e o que significa ser moderno</i>	2004	Record	<i>Al Qaeda and what it means to be modern</i>	Inglaterra
HARDT, Michael	<i>Império</i>	2001	Record	<i>Empire</i>	EUA
HARVEY, David	<i>O novo imperialismo</i>	2004	Loyola	<i>The New imperialism</i>	EUA
HOBSBAWM, Eric	<i>Globalização, democracia e terrorismo</i>	2007	Companhia das Letras	<i>Globalisation, democracy and terrorism</i>	Inglaterra
LENS, Sidney	<i>A fabricação do império americano</i>	2006	Civilização Brasileira	<i>The forging of the American empire</i>	EUA
MANN, Michael	<i>O império da incoerência</i>	2006	Record	<i>Incoherent empire</i>	EUA
MEYSSAN, Thierry	<i>11 de setembro de 2001 – Uma terrível farsa</i>	2003	Usina do Livro	<i>9/11 – the big lie</i>	EUA
MOORE, Michael	<i>Livro oficial do filme Fahrenheit 11 de setembro</i>	2004	Editora W11	<i>The official Fahrenheit 9/11 reader</i>	EUA

Autor	Título em português	Ano da edição	Editadora brasileira	Título no original	País de origem
PETRAS, James F.	<i>Império e políticas revolucionárias na América Latina</i>	2002	Xamã	N/D	EUA
PETRAS, James F.	<i>Imperialismo e luta de classes no mundo</i>	2007	UFSC	N/D	EUA
RAÍ, Milan	<i>Iraque: Plano de guerra, dez razões contra a guerra ao Iraque</i>	2003	Bertrand Brasil	<i>War Plan Iraq</i>	EUA
SAID, Edward W.	<i>Cultura e imperialismo</i>	2005	Companhia das Letras	<i>Culture and imperialism</i>	EUA
SAID, Edward W.	<i>O Oriente como invenção do Ocidente</i>	2005	Companhia das Letras	<i>Orientalism</i>	EUA
SOUZA, Corine	<i>Espiã de Bagdá</i>	2004	Landscape	<i>Baghdad's spy</i>	Inglaterra
SPURLOCK, Morgan	<i>Onde está Osama Bin Laden</i>	2008	Intrínseca		EUA
TARIQ, Ali	<i>Confronto de fundamentalismo</i>	2005	Record	<i>The clash of fundamentalisms</i>	EUA/RU
TARIQ, Ali	<i>Bush na Babilônia: A recolonização do Iraque</i>	2003	Record	<i>Bush in Babylon: The recolonisation of Iraq</i>	EUA
TARIQ, Ali & BARSAMIAN, David	<i>Imperialismo e resistência</i>	2005	Expressão Popular	<i>Speaking of empire and resistance: Conversations with Tariq Ali</i>	EUA
WALLERSTEIN, Imanuel	<i>O declínio do poder americano</i>	2004	Contraponto	<i>The decline of American power: The U.S. in a chaotic world</i>	EUA
WEINBERGER, Eliot	<i>Crônicas da era Bush: O que ouvi sobre o Iraque</i>	2006	Record	<i>What I heard about Iraq: Bush chronicles</i>	EUA

O viés orientalista

Os autores da corrente rotulada pejorativamente como orientalista revelam mal-estar com o Oriente, sendo, atualmente, seu principal alvo teórico o fundamentalismo islamismo. Priorizam em suas obras a denúncia da ação teológica e doutrinária do islamismo político, assim como a situação social, cultural e econômica das sociedades dos estados árabes e muçulmanos em geral. Tal acervo critica os valores autoritários e conservadores da ortodoxia islâmica, especialmente sua vocação messiânica, evangelizadora e terrorista. Julga como demérito a posição da mulher nessa teologia e nas sociedades islâmicas, sua falta de respeito aos direitos humanos, considerados por esses autores como valores universais. Denunciam ainda o controle das castas religiosas sobre a vida individual dos cidadãos. Um autor rotulado por seus inimigos como orientalista enquadra-se numa latitude de rejeição, desde um extremo moderado, em que refere um ou alguns elementos dessa crítica até o outro extremo, no qual faz uso de um amplo leque de evidências e fatos que o levam a emitir um juízo de valor ácido a tal padrão cultural e a tais correntes doutrinárias fundamentalistas. Essa crítica visa ora promover o secularismo dessas sociedades, ora sua modificação radical à imagem do Ocidente, desejando ainda reformá-la e moderá-la sem que isso signifique um abandono de suas raízes culturais mais profundas. Mostram intensa contrariedade ao relativismo cultural e moral divulgada na obra antropológica e adotada e exposta na argumentação ocidentalista. De forma geral, os autores rotulados como orientalistas advogam os ideais do liberalismo, sendo por isso geralmente favoráveis ao livre comércio, à democracia representativa e à globalização dos mercados econômico e cultural. Muitos deles consideram que as potências ocidentais têm um papel de liderança política e cultural e apoiam sua propalada missão de lutar pela democratização do mundo e pelos direitos humanos. Tais autores orientalistas publicam suas obras tanto no Ocidente como no Oriente, muito embora pensadores árabes e muçulmanos moderados vejam-se hoje obrigados a editar boa parte de seus livros com tais pontos de vista sob a proteção de instituições ocidentais.

Considerando esses elementos, as seguintes obras traduzidas e publicadas no Brasil, entre setembro de 2001 a junho de 2008, foram enquadradas como obras que apresentam um viés orientalista:

Tabela 19. Obras com viés orientalista traduzidas e publicadas no Brasil: 2001-2008

Autor	Título em português	Ano da edição	Editadora brasileira	Título no original	País de origem
ABED, J. Mohammed	<i>Introdução à crítica da razão árabe</i>		Unesp	<i>Critique de la raison arabe</i>	França
AL-ZAYYAT, Montasser	<i>Os caminhos da Al Qaeda</i>	2007	Outras Palavras	<i>The road to Al-Qaeda: The story of Bin Laden's right-hand man (Critical Studies on Islam)</i>	EUA
BABBITT, Irving	<i>Democracia e liderança</i>	2003	Topbooks	<i>Democracy and liberty</i>	EUA
BODANSKY, Yossef	<i>Bin Laden: O homem que declarou guerra à América</i>	2001	Ediouro	<i>Bin Laden: The man who declared war on America</i>	EUA
BROOKS, Geraldine	<i>Nove partes do desejo: O mundo secreto das mulheres islâmicas</i>	2002	Gryphus	<i>Nine parts of desire: The hidden world of Islamic women</i>	EUA
BURUMA, Ian & MARGALIT, Avishai	<i>Ocidentalismo</i>	2006	Zahar	<i>Occidentalism: A short history of anti-westernism</i>	EUA
CARR, Caleb	<i>A assustadora história do terrorismo</i>	2002	Ediouro	<i>The lessons of terror</i>	EUA
DEMANT, Peter	<i>O mundo muçulmano</i>	2004	Contexto	<i>Islam vs. Islamism</i>	EUA
ELLIS, Deborah	<i>A outra face: História de uma garota afegã</i>	2005	Ática	<i>The breadwinner</i>	EUA

Autor	Título em português	Ano da edição	Editora brasileira	Título no original	País de origem
JOMIER, Jacques	<i>Islamismo</i>	2001	Vozes	Não disponível	EUA
KEEGAN, John	<i>A guerra do Iraque</i>		Biblioteca do Exército	<i>The Iraq War: The military offensive, from victory in 21 days to the insurgent aftermath</i>	EUA
KEPEL, Gilles	<i>Jihad: Expansão e Declínio do islamismo</i>	2003	Biblioteca do Exército	<i>Jihad</i>	França
LEMERCIER, Frédéric	<i>O fotógrafo: Uma história no Afeganistão v. 2</i>	2008	Conrad	Não disponível	França
LEVY, Bernard-Henry	<i>Quem matou Daniel Pearl?</i>	2003	A Girafa	<i>Qui a tué Daniel Pearl?</i>	França
LEWIS, Bernard	<i>O que deu errado no Oriente Médio?</i>	2002	Zahar	<i>What went wrong</i>	EUA
LEWIS, Bernard	<i>A crise do islã: Guerra santa e terror profano</i>	2004	Zahar	<i>The crisis of islam: Holy war and unholy terror</i>	EUA
LEWIS, Bernard	<i>Os assassinos: Os primórdios do terrorismo no Irã</i>		Zahar	<i>The Assassins</i>	EUA
LOGAN, Harriet	<i>Mulheres de Cabul</i>	2006	Geração Editorial	<i>Unveiled</i>	EUA
MANJI, Irshad	<i>Minha briga com o islã</i>	2004	W11 Editores	<i>The trouble with Islam today</i>	EUA
MAKHMALBAF, Mohsen	<i>O Afeganistão</i>	2001	Publifolha		Brasil
MEDDEB, Abdelwahab	<i>A doença do islã</i>	2003	UFMG	<i>La maladie d'Islam</i>	França
OREN, Michael B.	<i>Seis dias de guerra</i>	2004	Bertrand Brasil	<i>Six days of war</i>	EUA

Autor	Título em português	Ano da edição	Editadora brasileira	Título no original	País de origem
RASHID, Ahmed	<i>Jihad: A ascensão do islamismo militante na Ásia central</i>	2003	Cosac & Naify	<i>Jihad: The rise of militant Islam in Central Asia</i>	EUA
SASSON, Jean P.	<i>Mayada – Filha do Iraque</i>	2005	Best Seller	<i>Mayada, daughter of Iraq</i>	EUA
SEIERSTAD, Ane	<i>O livreiro de Cabul</i>	2006	Record	<i>Bokhandleren i Kabul</i>	Noruega
WHEATCROFT, Andrew	<i>Infieis: O conflito entre a cristandade e o islã</i>	2004	Imago	<i>Infidels: A history of th conflict between Christendom and Islam</i>	EUA
ZIZEK, Slavoj	<i>Bem-vindo ao deserto do real: Cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas: Estado de sítio</i>	2003	Boitempo	<i>Welcome to the desert of the real: five essays on September 11 and related dates</i>	EUA

Viés balanceado

A dificuldade no enquadramento das obras traduzidas e publicadas no Brasil no período de setembro de 2001 a junho de 2008 sobre temas que envolvem o islã, o terrorismo fundamentalista, as guerras no Iraque e Afeganistão, entre outros correlatos, exige uma terceira categoria aqui chamada de “balanceada”. Entre suas principais propriedades está o manifesto desejo do autor de evitar posicionamento ideológico e juízo de valor. Esse tipo de obra tem o objetivo indireto de exercer o papel de facilitador do diálogo intercultural e de conciliação entre os diversos grupos humanos. Tais autores optam pela descrição dos fatos, ocorrências e fenômenos numa abordagem equilibrada. Tal categoria inclui ainda obras em que o autor revisa criticamente aspectos de sua própria formulação, ou a de seus companheiros. Isso significa dizer que não abandona a essência de sua interpretação de mundo, mas que contempla aspectos

da realidade que o obrigam a ponderar criticamente sobre argumentos que apresentou e defendeu no passado. Esse viés balanceado é marcante, portanto, em obras geralmente descritivas, jornalísticas, documentais e comparativas.

Tabela 20. Obras com viés “balanceado” sobre o islã, o fundamentalismo islâmico, o terrorismo, e as guerras no Oriente traduzidas e publicadas no Brasil: 2001-2008

Autor	Título em português	Ano da edição	Editadora brasileira	Título no original	País de origem
ANDERSON, Jon Lee	<i>A queda de Bagdá</i>	2004	Objetiva	<i>The fall of Bagdah</i>	EUA
ARMSTRONG, Karen	<i>Maomé: Uma biografia do profeta</i>	2002	Companhia das Letras	<i>Muhammad: A biography of the prophet</i>	EUA
ARMSTRONG, Karen	<i>Em nome de Deus</i>	2001	Companhia das Letras	<i>The battle for God</i>	EUA
ARMSTRONG, Karen	O islã	2001	Objetiva	<i>Islam: A short history</i>	EUA
BARBER, Benjamim	<i>O império do medo: Guerra, terrorismo e democracia</i>	2005	Record	<i>Fear's empire: War, terrorism, and democracy</i>	EUA
BAUDRILLARD, Jean	<i>O espírito do terrorismo</i>	2002	Campos das Letras	<i>L'esprit du terrorisme</i>	França
BICHEL, Bruce & STAN Janz	<i>O pequeno guia sobre o islamismo</i>	2003	United Press	Não disponível	EUA
BLIX, Hans	<i>Desarmando o Iraque</i>	2004	A Girafa	<i>Disarming Irak</i>	EUA
BOUHDIBA, Abdelwahab	<i>A sexualidade no islã</i>	2006	Globo	<i>La sexualité en Islam</i>	França
BHUTTO, Benazir	<i>Reconciliação: islamismo democracia e o ocidente</i>	2008	Agir	<i>Reconciliation: Islam, democracy, and the west</i>	EUA

Autor	Título em português	Ano da edição	Editadora brasileira	Título no original	País de origem
BURKE, Jason	<i>Al-Qaeda: A verdadeira história do radicalismo islâmico</i>	2007	Zahar	<i>Al-Qaeda: The true story of radical islam</i>	EUA
CATHERWOOD, Christopher	<i>A loucura de Churchill: Os interesses britânicos e a criação do Iraque moderno</i>	2006	Record	<i>Churchill's folly: How Winston Churchill created modern Iraq</i>	EUA
COLL, Steve	<i>Os Bin Laden</i>	2008	Globo	<i>The Bin Ladens: An Arabian family in the American century</i>	EUA
CYMBALA, Jim & SORENSON, Stephen	<i>A graça de Deus no 11 de setembro</i>	2006	Vida	<i>God's grace from ground zero: Seeking God's heart for the future of our world</i>	EUA
DENAURD, Patrick	<i>Iraque, a guerra permanente: A posição do regime iraquiano</i>	2003	Qualitymark	<i>Irak, la guerre permanente: Entretiens avec Tarek Aziz</i>	França
GEERTZ, Clifford	<i>Observando o islã</i>	2004	Zahar	<i>Islam observed: Religious development in Morocco and Indonesia</i>	EUA
GEHRKE-WHITE, Donna	<i>O rosto atrás do véu</i>		Arx	<i>The face behind the veil</i>	EUA
FUKUYAMA, Francis	<i>O dilema americano</i>	2006	Rocco	<i>America at the crossroad</i>	EUA
HUSAIN, Shahrukh	<i>O que sabemos sobre o islamismo</i>	ND	Callis	<i>Islam (What do we know about religions?)</i>	EUA

Autor	Título em português	Ano da edição	Editora brasileira	Título no original	País de origem
JACONO, Claudio Lo	Islamismo – histórias – preconceito – festividades – divisões	2002	Globo	<i>Islamismo</i>	Itália
JONES, Ann	<i>Kabul no inverno</i>	2006	Novo Conceito	<i>Kabul in winter: Life without peace in Afghanistan</i>	EUA
LALIC, Daniel	<i>Onde está Bin Laden</i>	2008	Larousse Brasil	<i>Where's Bin Laden?</i>	EUA
LAMB, Christina	<i>Cartas de Herat, meus anos no Afeganistão</i>	2006	Novo Século	<i>The sewing circles of Herat: A personal voyage through Afghanistan</i>	EUA
MEYSSAN, Thierry	<i>11 de setembro de 2001: Uma terrível farsa</i>	2003	Usina do Livro	<i>9/11 – The big lie</i>	EUA
NICHOLSON, Reynold A.	<i>Os místicos do islã</i>		Madras	<i>The mystics of Islam</i>	EUA
RAHIMI, Atiq	<i>Terras e cinzas</i>	2002	Estação Liberdade	<i>Earth and ashes</i>	Irã/EUA
ROGERSON, Barnaby	<i>O profeta Maomé: Uma biografia</i>		Record	<i>The prophet Muhammad: A biography</i>	EUA
SCHUON, Frithjof	<i>Para compreender o Islã: Originalidade e universalidade da religião</i>	2006	Nova Era	<i>Understanding Islam</i>	EUA
SHAH, Saira	<i>A filha do contador de histórias: Uma jornada aos confins do Afeganistão</i>	2004	Companhia das Letras	<i>The storyteller's daughter: One woman's return to her lost homeland</i>	EUA

Autor	Título em português	Ano da edição	Editadora brasileira	Título no original	País de origem
STEWART, Rory	<i>Os lugares do meio: A travessia do Afeganistão</i>	2008	Record	<i>The places in between</i>	EUA
VERNET, Juan	<i>As origens do islã</i>	2004	Globo	<i>Los orígenes des Islam</i>	Espanha
WHITTAKER, David J.	<i>Terrorismo: Um retrato</i>	2005	Bibliex Cooperativa	Não disponível	EUA
WILLIAMS, Donald & ZOJA, Kuigi	<i>Manhã de setembro: O pesadelo global do terrorismo</i>	2003	Axis Mundi 2003	Não disponível	EUA
WRIGHT, Lawrence	<i>O vulto das torres</i>	2006	Companhia das Letras	<i>The looming tower</i>	EUA
WOODWARD, Bob	<i>Bush em Guerra</i>	2003	Arx	<i>Bust at war</i>	EUA

Conclusão e discussão

Tabela 21. O viés ideológico de livros traduzidos e editados por editoras brasileiras: 2001-2008

	Ocidentalismo	Orientalismo	Balaceado	Total
Bertrand Brasil	4	1	-	5
Record	10	1	5	16
Companhia das Letras	4	-	3	7
Civilização Brasileira	1	-	-	1
Loyola	1	-	-	1
Zahar	-	4	4	8
A Girafa	-	1	-	1
Geração	-	1	-	1
Ática	-	1	-	1

	Ocidentalismo	Orientalismo	Balanceado	Total
Contexto	-	1	-	1
Top Books	-	1	-	1
Objetiva	-	-	2	2
Nova Harmonia	1	-	-	1
UFMG	1	1	-	2
Universo dos Livros	1	-	-	1
Campus/Elsevier	1	-	-	1
W11	1	1	-	2
Xamã	1	-	-	1
UFSC	1	-	-	1
PubliFolha	-	1	-	1
Landscape	1	-	-	1
Intrínseca	1	-	-	1
Expressão Popular	1	-	-	1
Contraponto	1	-	-	1
Unesp	-	1	-	1
Outras Palavras	-	1	-	1
Ediouro	-	2	-	2
Gryphus	-	1	-	1
Imago	-	1	-	1
Vozes	-	1	-	1
Biblioteca do Exército	-	3	-	3
Conrad	-	1	-	1
Best Seller	-	1	-	1
Boitempo	-	1	-	1
Campos das Letras	-	-	1	1

	Ocidentalismo	Orientalismo	Balancedo	Total
United Press	-	-	1	1
Globo	-	-	4	4
Agir	-	-	1	1
Vida	-	-	1	1
Qualitymark	-	-	1	1
ARX	-	-	2	2
Callis	-	-	1	1
Rocco	-	-	1	1
Novo Conceito	-	-	1	1
Larousse	-	-	1	1
Novo Título	-	-	1	1
Usina do Livro	1	-	1	2
Madras	-	-	1	1
Estação Liberdade	-	-	1	1
Nova Era	-	-	1	1
Axis	-	-	1	1
Cosac & Naify	-	1	-	1
Total	32	28	35	95

Tabela 22. A origem das obras traduzidas e publicadas no Brasil por viés ideológico: 2001-2008

	Ocidentalismo	Orientalismo	Balancedo	Total
EUA	26	20	29	75
Inglaterra	4	-	-	4
Noruega	-	1		1
Espanha	1	-	1	2
França	2	5	3	10

	Ocidentalismo	Orientalismo	Balanceado	Total
Itália	-	-	1	1
Irã	-	-	1	1
Brasil	-	1	-	1
Total	33	26	35	95

Tabela 23. Número de autores das obras traduzidas e publicadas no Brasil por viés ideológico: 2001-2008

	Ocidentalismo	Orientalismo	Balanceado
Número de autores	24	26	33

Os dados apresentados mostram que, na disputa entre o ocidentalismo e o orientalismo, as editoras brasileiras traduziram e publicaram um maior número de obras ocidentalistas. No entanto, a maioria delas enquadrou-se na categoria balanceada.

A crise provocada pelo terrorismo e o fundamentalismo islâmico no mundo contemporâneo deu fôlego ao antigo debate intelectual que, no Ocidente e no Brasil, é travado desde os tempos da Guerra Fria concernente à natureza e aos valores do capitalismo, aos interesses geopolíticos do ocidente e do liberalismo. Para essa corrente de opinião e seus leitores ocidentalistas, Osama Bin Laden, suas ações e ideias não constituem tema de preocupação e interesse intelectual prioritário. Tal tendência reproduz o clima da opinião pública brasileiro constatado no estudo *Terrorismo, fundamentalismo islâmico e o imaginário social brasileiro: a difusão das ideias e seus efeitos* (Wainberg 2008b). Os editores nacionais, ao privilegiarem tal tendência, vão ao encontro desse ambiente psicossocial, reforçando-o e amparando o nativismo ocidentalista com a palavra de seus pares, especialmente os autores críticos norte-americanos, usualmente rotulados naquele país como radicais, liberais, anarquistas ou de esquerda.

No Brasil, também existe a crítica ao Oriente, mas os editores interessados em promovê-la estão muito mais dispersos. O interesse sobre

o Oriente e seus dilemas, em especial os relacionados à crise do islã, depende da atenção de uma variedade muito maior de pequenas casas editoras do que o existente na promoção das ideias ocidentalistas, mais concentrada em empresas consagradas.

Cabe assinalar que 5 entre as 52 editoras analisadas são as principais divulgadoras das obras dessas duas correntes no país: a Record, que publicou um número maior de livros com viés ocidentalista (assim como obras com o viés balanceado). Seguem seus passos a Bertand Brasil (com uma obra traduzida e publicada com viés ocidentalista), a Companhia das Letras (ocidentalista e balanceada) e a Zahar (orientalista e balanceada).

Os 52 editores citados traduziram e publicaram uma média aproximada de 13 livros estrangeiros/ano sobre essa temática, principalmente de origem norte-americana. Como afirmado, não há tradução universal de obras. E o critério ideológico na escolha dos livros para ser traduzidos e publicados no Brasil parece ter exercido certo papel. As editoras listadas deram também forte amparo a obras classificadas como balanceadas, mais palatáveis ao objetivo politicamente correto de evitar aprofundar o propalado “choque das civilizações”. Curiosamente, a Tabela 21 mostra que raramente uma editora, principalmente entre as mais fortes e dinâmicas, contempla entre suas opções a edição simultânea de obras com ambos os vieses, o ocidentalista e o orientalista.

Isso parece indicar o desejo de buscar certa coerência editorial. Tal coerência parece se expressar na escolha ideológica dos autores e das obras traduzidas. Esse fato nos induz a pensar que a função *gatekeeper* é praticada em sua plenitude. Como não poderia deixar de ser, obras são autorizadas e desautorizadas. Preferências são exercidas. Parece haver certa aliança entre editoras e correntes de opinião. Ao contrário do que possa sugerir um entendimento inocente da função social das editoras como instrumento equilibrado e objetivo para a educação do povo, elas na verdade fazem parte do núcleo duro da intelectualidade e existem para servir a esses intérpretes da realidade. Para isso, observam no detalhe o senso comum dessa elite, seu estado de espírito e o que tais pensadores consideram falso ou verdadeiro, aceitável ou herético. Como se trata de um negócio, as editoras evitam em boa medida macular as crenças,

mitos e convicções de suas correntes de opinião preferenciais, os consumidores de seus livros.

No caso dessas traduções, buscam autores estrangeiros e obras filia-das a essas preferências. O olhar atento e preferencial é dirigido ao mercado editorial norte-americano, o mais vibrante e diversificado. O que lá se publica – e lá se publica muito de tudo – serve de caixa de ressonância às casas editoras brasileiras. Obras de outros países são admitidas em boa medida no Brasil quando ecoam primeiro no mercado editorial dos Estados Unidos.

Como assinalado, a crise da leitura permanece sendo um obstáculo à difusão geral do livro no Brasil. Tal dificuldade é ainda maior no que se refere às obras como as examinadas neste levantamento, as que possuem tom polêmico, ensaístico e argumentativo, e que estão vinculadas a temas da atualidade.

Como afirmado, tal acervo destina-se ao restrito e seletivo público de 1 milhão e 200 mil pessoas que constitui a elite brasileira sintonizada e preocupada com as temáticas sociais e políticas contemporâneas. É essa condição que atrai o interesse das editoras que privilegiam a categoria obras gerais na tradução de autores estrangeiros. Assim, os editores exercem uma ação cujo caráter político é indisfarçável. Ou seja, publicam e traduzem muito num gênero que não é o mais procurado, não é o mais rentável e que atrai somente o quarto grupo mais numeroso de leitores. Essa atitude contradiz a lógica comercial, a de se obter maior benefício econômico com o menor esforço. No caso, as editoras brasileiras fazem um grande esforço para obter um resultado que não é nem o mais fácil nem o mais lucrativo, mas que é politicamente muito expressivo.

Referências bibliográficas

- BURUMA, I. & MARGALIT, A. *Ocidentalismo: o Ocidente aos olhos de seus inimigos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO; Sindicato Nacional de Editores de Livros. *Produção e vendas do setor editorial brasileiro*. Relatório 2006. São Paulo, jul. 2007.

- _____. *Produção e vendas do setor editorial brasileiro*. Relatório 2005. São Paulo, jul. 2006.
- _____. *Produção e vendas do setor editorial brasileiro*. Relatório 2004. São Paulo, jul. 2005.
- _____. *Retrato da leitura no Brasil*. São Paulo: Abrelivros, 2001.
- CRAIN, C. "Twilight of the books". *The New Yorker*, 24 dez. 2007.
- EARP, F. S. & KORNIS, G. *A economia da cadeia produtiva*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.
- _____. *A economia do livro: a crise atual e uma proposta de política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. (Textos para Discussão.)
- SAAB, W. G. L. & GIMENEZ, L. C. P. *Cadeia de comercialização de livros*. Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/relato/rel-ivr.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2009.
- SAID, E. W. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.
- WAINBERG, J. A. *A pena, a tinta e o sangue: a guerra de ideias e o islã*. Porto Alegre: Edipucrs. 2008.
- _____. "Terrorismo, fundamentalismo islâmico e o imaginário social brasileiro: a difusão das ideias e seus efeitos". *Revista Brasileira de Comunicação*. Intercom, 2º semestre 2008.
- ZOID, G. *Livros demais!: sobre ler, escrever e publicar*. São Paulo: Summus, 2004.